

## A sintagmatização em Lingüística da Enunciação: uma proposta de representação

Silvana Silva<sup>1</sup>

Curso de Letras - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

silvanasil@unisinós.br

**Resumo.** Este trabalho tem por objetivo estudar a sintagmatização em um conto literário. A sintagmatização da conjunção coordenativa “e” no conto *I love my husband*, de Nélida Pinon, uma vez que ela apresenta um sentido bastante particular neste texto. Estudamos o significado que a conjunção apresenta em gramáticas de língua portuguesa. Para observarmos a sintagmatização, apoiamos-nos no conceito de sintaxe formulado por Benveniste (1989). A seguir, formularemos uma metodologia de análise do conto a partir de uma proposta de representação da ordem do dizer e do mostrar (Flores, 2006). Constatamos que a sintagmatização da conjunção “e” no conto literário não produz um sentido da ordem da fusão de dois elementos, da “conjunção”; produz uma união de dois elementos paralelos um ao outro. Concluimos que, se para Benveniste, a língua não diz, nem oculta, mas significa, o signo resultante da conjunção “e”, no texto, é uma união não realizada entre duas paralelas que nunca se cruzam.

**Abstract.** This paper aims to study syntagmatization in a literary tale. Syntagmatization of additive conjunction “e” in the tale *I love my husband*, by Nélida Pinon is studied because it presents a very particular sense in this text. It is studied the meaning the conjunction presents in Portuguese grammars. To observe the syntagmatization, we are based on concept of syntax made by Benveniste (1989). After that, it is drafted a methodology of analysis of the tale from a proposal of representation of telling and showing (Flores, 2006). We verify that the syntagmatization of conjunction “e” in the tale does not produce a meaning of addition of two elements; it produces the addition of two elements that are parallel to each other. We conclude that, to Benveniste, the language doesn’t talk nor hide but means, the resulting meaning of conjunction “e”, in the text, is an addition which is not realized between to parallels that do not cross.

**Palavras-chave:** enunciação; sintaxe; sintagmatização; representação.

### 1. Introdução

Este texto pretende ser antes um ensaio do que um artigo. Ensaio, uma vez que levanta hipóteses, procura caminhos, questiona, inventa percursos. Nosso objetivo principal é apontar o *percurso de sintagmatização* da conjunção aditiva “e” em no texto literário “*I love my husband*”, de Nélida Pinon, a partir das relações que se estabelecem entre a forma “e” e o sentido que vai se esboçando no texto. Como a enunciação é um evento único, singular, o percurso de sintagmatização – resultado de visão de sintaxe transversal e multidirecional (Silva, 2005, p. 146) – é produz um desenho único em cada texto.

Desenho? Segundo Flores (2006), a transcrição de ato enunciativo situa-se entre *o dizer e o mostrar*. Ora, “dizer” o sentido de uma conjunção em um texto é tarefa da ordem da linearidade, da atribuição de sentido. Basta dizer: ‘aqui no primeiro parágrafo, tem o sentido X; no segundo, tem o sentido Y; no todo tem o sentido XY’. Tal foi nosso percurso na análise do sentido das preposições em textos (Silva, 2005). Resta-nos evidenciar o rastro de sintagmatização, o desenho, ou seja, como o sentido da conjunção “e” se *mostra*, delinea os elementos que ela conjuga.

Uma relação entre análise semântica e o *mostrar*, a pintura está presente mesmo na gramática. Bechara (2005, p. 479, grifos nossos) afirma o seguinte sobre o efeito de sentido das orações coordenadas assindéticas: “Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um *estilo cortado* com grande dose impressionista, ora para um estilo que localiza *quadros rápidos e movimentos ascendentes*, especialmente se está constituído de sequência de verbos.”

Embora o estudo de textos literários tenha sido feito por teóricos da Enunciação como Bakhtin (Flores e Silva, 2005, p. 89-90), faz-se necessário expor aqui os motivos de escolha de um texto literário para nossa análise. O texto literário apresenta um trabalho especial com a linguagem; a referência é um construto que cria uma realidade. Sem pretende opor com rigidez o texto literário e o não-literário, podemos conceber que o texto literário pretende criar, com singularidade, um efeito de sentido. Auroux (1998, p.258, grifo nosso) faz um panorama filosófico dos estudos da linguagem e, no capítulo *Linguagem e subjetividade*, é curiosa e instigante a relação que traça entre a subjetividade e a poesia: “É então a poesia que torna possível a linguagem. (...) O próprio do poema é **mostrar**, quer dizer, de nomear, não no sentido de um procedimento referencial qualquer, mas naquilo que Heidegger designa como apelo. É o que faz da linguagem a casa do ser (...) através do que ele resiste a qualquer arazoamento pela gramática, ou qualquer outro formalismo lógico”. Ao retomar Heidegger, Auroux mostra que o texto literário, ao “inventar” uma referência, mostra uma situação singular. Dufour (2000, p. 42) parece compartilhar da opinião de que a literatura constrói subjetividade ao escrever: “ (...) enquanto a escrita da ciência dedica-se às formas binárias, a segunda, a escrita literária, devota-se às formas unárias [formas do “eu”]”

O texto “A forma e o sentido na linguagem”, de Émile Benveniste, postula a existência de um duplo sistema que engendra o funcionamento da linguagem. O primeiro é chamado sistema semiótico, sistema das relações paradigmáticas composto de signo (forma) e significado (sentido). O significado é genérico, conceitual. O segundo é chamado sistema semântico, sistema das relações sintagmáticas, composto de frase (forma) e sentido (sentido). O sentido é específico, circunstancial. Benveniste mostra que as relações entre forma e sentido estão no centro da língua, e que cada enunciada inventa sua referência, sua sintagmatização.

O conto “I love my husband”, de Nélida Pinon, apresenta uma referência singular, única. Todo o conto é construído a partir de uso singular da conjunção “e”, reiterada 31 vezes ao longo do texto. A sintagmatização, o desenho que esta conjunção opera no texto tem um sentido um pouco diferente daquele que lhe atribuído no sistema semiótico, como veremos.

No entanto, poderíamos nos perguntar: por que abordar a sintagmatização de um texto, compreender sua subjetividade a partir de um elemento que se repete? Outras abordagens não seriam possíveis? Sem descartar esta última hipótese, acreditamos que observar a *subjetividade na linguagem* implica em observar as *dobras* do texto, isto é, as *recorrências sintáticas* de que o autor se vale. Em outras palavras: a recorrência sintática é determinada pela subjetividade na linguagem. De acordo com Lichtenberg (2006, p. 51), “sintaxe em Benveniste é formatação de uma idéia, palavras que exprimem sentido próprio à idéia porque sob influências recíprocas, as quais não se dão, obrigatoriamente, na linearidade”.

Para Dufour (2000, p. 36), a lingüística de filiação estruturalista - em que se inclui Benveniste - formula alguns conceitos em estrutura unária. A definição de pessoa, em Benveniste - “é eu quem diz eu” - apresenta um predicado que repete, dobra, duplica o sujeito. Dufour acrescenta que a estrutura unária foge da lógica, das relações causais de matriz binária. A estrutura unária esconde ao mostrar; não aceita a negação, não observa a diferença lógica entre sim e não. O autor arremata: “Graças a essa matriz, “eu” me perco quando “eu” me encontro” e “eu” me encontro quando “eu” me perco. Com esta forma, os extremos não mais se excluem: eles se atraem e se invertem” (p. 43). Para Dufour, a lógica do unário é a lógica da concomitância entre ser e não ser. Voltando à nossa pergunta, podemos dizer, por conseguinte, que estudar a reiteração de determinadas estruturas sintáticas parece conduzir-nos a observar a subjetividade na linguagem, as marcas do “eu” no enunciado.

Nosso trabalho prevê as seguintes etapas: 1) revisão bibliográfica sobre o sentido da conjunção “e” em estudos gramaticais e lingüísticos; 2) estudo das relações entre forma e sentido na Lingüística da Enunciação, mais precisamente na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste; 3) Elaboração de metodologia de análise do texto literário; 4) Análise da sintagmatização da conjunção “e” no texto literário.

## **2. A coordenação aditiva: contribuições de gramáticas e estudos lingüísticos**

Neste item, apresentaremos as contribuições de cinco autores para a compreensão do sentido da conjunção coordenativa “e”, a saber: Bechara (2005), Cunha (1976), Garcia (2002) e Neves (2000). Nosso principal objetivo é observar o significado da conjunção “e” na língua como sistema semiótico. Para isso, compararemos as interpretações de cada texto, procurando observar aquelas que mais se repetem.

### A contribuição de Bechara (2005)

O autor (p. 320) apresenta o item “conjunções aditivas”, referindo-se aos conectores “e” e “nem”. Define tais conjunções como “indicadoras de relação de adição”. *E* indica relação de unidades positivas; *nem*, de unidades negativas. Afirma que a conjunção “e” pode ter significados contextuais de oposição e consequência, como em *Ele é rico e desonesto*. Há construções em que a ordem é fixa e outras em que há possibilidade de inversão. Na seção “observações”, diz que o *e* que inicia frases tem função textual de situação.

### 1.2 A contribuição de Cunha (1976)

Cunha diz que “as aditivas servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função”. Indica igualmente as conjunções “e” e “nem”. Apresenta valores contextuais para a conjunção “e”, tais como oposição, consequência.

### 1.3 A contribuição de Garcia (2002)

Garcia (p.42) faz um estudo especial sobre o período composto. Acerca da conjunção aditiva “e”, afirma que é a conjunção mais vazia de sentido. Tal conjunção foi denominada, até certa época no Brasil, de aproximativa. Garcia compara ainda o período composto por coordenação e o por subordinação: as a coordenação não apresenta tanta força de ênfase quanto a subordinação.

### 1.4 A contribuição de Neves (2000)

Neves (p. 739) apresenta um item separado para a conjunção “e”. A natureza desse conector é a de adição entre segmentos, o que indica um caráter neutro. Mostra que a conjunção liga palavras, sintagmas, orações e enunciados. Há construções em que a ordem fixa e outras em que há possibilidade de inversão.

Observamos que a descrição de todos os trabalhos é muito semelhante. Todos os autores definem a conjunção “e” como elemento que adiciona outros dois seres, em uma ordem fixa ou não fixa. Alguns dizem que é a conjunção mais neutra em termos de significação.

## 3. A visão de sintaxe de Benveniste

Benveniste apresenta o trabalho “Forma e sentido da linguagem” em um congresso de Filosofia. Tal interlocutor determina, em parte, a condução da discussão sobre a linguagem. Benveniste rejeita a visão filosófica tradicional de linguagem, em especial a visão de sintaxe. Neste item, procuraremos definir seu conceito de sintaxe a partir de sua visão de forma e sentido. Consideraremos suas afirmações e suas discordâncias em relação aos filósofos Perelman, Gouchet, Piguet e Gueroult, com quem debate ao final de sua explanação.

Para Benveniste, o estudo da língua não deve se prender a concepções da filosofia, em especial ao conceito de “verdade”. Já no início de sua conferência diz: “abordo o tema como lingüista e não como filósofo.” (p. 220). A seguir, mostra que vai reinterpretar os conceitos de forma e sentido na língua, afirmando que a significação, centro do problema lingüístico, surge como a antítese, o paradoxo da relação entre forma e sentido.

Em que consiste esse paradoxo? Para o autor, não devemos considerar a língua como o fazem filósofos lógicos como Quine, para quem o significado surge de procedimentos de sinonímia. Benveniste afirma: “nós [os lingüistas] não podemos nos contentar com um conceito global, como aquele da significação definida em si mesma e uma vez por todas” (p. 223). Aqui, o autor evidencia que o sentido não se vincula a uma forma de maneira definitiva, unívoca, como buscam mostrar os lógicos. Assim, o “paradoxo” da relação forma e sentido, paradoxo esse que intriga principalmente os lógicos, não é tanto que uma forma pode ter relação com mais de um sentido mas que isso faz parte da natureza da linguagem.

Para mostrar que as relações entre forma e sentido não são unívocas, o autor postula a existência de um duplo sistema na língua: o sistema semiótico e o sistema semântico. O sistema semiótico é o da língua como um sistema de signos, em que a forma é o significante e o sentido e o significado, tal como em Saussure. Para o autor: “O signo tem sempre e somente valor genérico e conceitual.” (p. 228). O signo? Não deveria ser o significado? Já aqui observamos as diferenças entre Benveniste e Saussure.

Para Benveniste, o signo, tomado simultaneamente como forma e sentido, surge na enunciação, isto é, no uso presente dos falantes, como forma de um *outro* sentido. O “signo” na enunciação, isto é, no sistema semântico, nada mais é do que a *frase* ou o *enunciado*. Nesta passagem, muitas vezes mal compreendida, entre sistema virtual e sistema real, é que reside o que chamamos de singularidade sintática. Benveniste afirmara em trecho anterior que forma e sentido são *noções gêmeas* (p.221). Como podemos compreender a idéia do “gêmeo”? Gêmeos são aqueles que nascem juntos. Assim, forma e sentido, significante e significado, enfim a frase, - um tipo de “signo” - surge da união, a cada enunciação singular, entre signos, os quais, por sua vez, são a união entre significante e significado.

Benveniste fala que o sentido da frase surge no “agenciamento de palavras, pela sua organização sintática, pela ação que exercem umas sobre as outras” (p.230). O autor denominará tal processo, mais ao final de sua conferência de “sintagmatização”, isto é, de “significação intencionada”. (p. 234). Assim, as palavras, signos constituídos de forma e sentido, tem essas relações alteradas, modificadas pelas relações que contraem com outro signos. Como a enunciação nunca se repete, o sentido da enunciação é o resultado de diferentes relações entre palavras. Uma frase, por mais curta que seja, pode ter seu sentido alterado, de acordo com a entonação, à ênfase que damos a uma palavra ou outra, ou mesmo uma sílaba, por exemplo. A sintaxe singular da enunciação não decorreria, então, do percurso, único que as formas tomam em cada texto. Não seria por demais óbvio dizer que acompanhar a sintagmatização de cada enunciado é entender o desenho, o movimento que cada locutor propõe à enunciação?

Ao encerrar sua conferência, Benveniste retoma uma célebre frase do filósofo Heráclito e a modifica para a língua: “a língua não diz, nem oculta, ela significa”. (p. 234). Poderíamos dizer que a língua ao “significar”, produz signos, produz representações sintáticas.

#### 4. Metodologia de análise

Se a sintagmatização é um rastro, um desenho singular que um locutor imprime a um enunciado, é fundamental refletir sobre alguma forma de representar tal rastro. Flores (2006) reflete sobre a transcrição como uma modalidade de enunciação.

O autor retoma a visão de Lacan ao problema formulado por Wittgenstein. Para Wittgenstein, existem dois modos distintos de a proposição representar a realidade: o mostrado e o dito. Para Wittgenstein, a proposição tem uma forma lógica que não pode ser dita, mas apenas “mostrada”. Lacan, segundo Flores (2006, 69) propõe uma noção que busca compatibilizar o dito e o mostrado, a saber, o *matema*, isto é, “formalização transmissível” (p.69). O matema surge como uma figuração – para usar um termo de

Wittgenstein -, um “desenho”, um “mostrado” que pode ser transmitido, “dito”. Segue o autor: “Para Lacan, a transcrição é uma espécie de matema”. (p. 74).

Conclui Flores (p. 72) que a transcrição é um processo constituído de dois atos: a) operação de ciframento; b) operação de deciframento. A operação de ciframento é um conjunto de sinais que transcreve, que “mostra” a estrutura lógica da situação. A operação de deciframento impõe uma leitura do cifrado, um deciframento do mostrado. O autor faz a seguinte ressalva: “Algo permanece fora do campo do transcrito, à moda de um recalçamento” (p. 74). A transcrição, então, é uma entre muitas possibilidades de ciframento de um texto.

Resta-nos propor um *matema*, uma transcrição *possível* para o texto literário. Tal transcrição surge, para nós, da forma que a *conjunção “e” se sintagmatiza ao longo do texto*<sup>1</sup>.

## 5. Análise

A conjunção “e”, como vimos nas gramáticas, tem o significado de “união de dois elementos”. Procuraremos mostrar se no conto *I love my husband* os dois seres, a saber, o marido e a mulher ocorrem as seguintes sintagmatizações: a) se são unidos na mesma frase ou não; b) se seus papéis invertem ou têm ordem fixa; c) se eles se coordenam como termos de uma mesma ação ou se se coordenam como membros de orações e, conseqüentemente, ações distintas. A sintagmatização observada no conto resultará em uma interpretação do sentido da conjunção “e” no texto. É sempre necessário lembrar que o ponto de vista do texto é feminino, portanto, o texto tem como locutor a mulher. Este sujeito trará escolhas importantes para a sintagmatização do texto.

Como a análise integral do texto não cabe neste espaço, transcreveremos quatro momentos do conto: a) o início do dia do casal; b) o momento em que a mulher faz uma pergunta desafiadora ao marido; c) o momento em que a mulher fantasia sobre sua vida; d) a reflexão final da mulher sobre seu casamento.

### 5.1 Operação de ciframento

Marcaremos entre barras // as ações da mulher e entre colchetes [ ] as ações do marido. Quando os elementos marido e mulher estiverem fundidos na mesma ação, faremos a marcação entre chaves { }.

Observaremos se a conjunção “e”, em cada parágrafo, combina ações, e de que forma isso ocorre. Procuraremos fazer uma análise dupla: análise do dizer e análise do mostrar.

Propp (1984), ao analisar narrativas do conto maravilhoso, conclui que o conto uma estrutura prototípica com quatro etapas, a saber, situação inicial, conflito,

---

<sup>1</sup> É importante observar que, embora ainda não propondo um matema, Silva (2005), em trabalho sobre o sentido das preposições, afirmava, baseando-se em Normand, que a sintaxe da enunciação devia ser concebida de maneira transversal, multidirecional.

processo de solução e sucesso final<sup>2</sup>. Esta estrutura, ainda que seja vista como universal, não nos impede de observar a particularidade de organização do conto ora em análise. Benveniste (1988, p. 287) propõe que a categoria de pessoa seja universal a todas as línguas e que sua manifestação em cada língua ocorra de maneira particular. Assim, selecionaremos trechos do conto que equivalham às três primeiras etapas.

### **Trecho 1 – situação inicial do conto**

Eu amo meu marido/. 2. /De manhã à noite/. 3. /Mal acordo, ofereço-lhe café/. 4. [Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se]. 5. /Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie/. 6. {Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição.} 7. {Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado}.

O texto tem como título “Eu amo meu marido”, frase que inicia o conto e é enunciada pela mulher. As duas frases que lhe seguem e que constituem o significado do “amor” tem uma sintaxe de frases curtas. Amar é, para a mulher, algo que se faz “de manhã à noite”, isto é, uma atividade rotineira, como, por exemplo, oferecer café. O marido não enuncia o amor; ele sente (“suspira”) e age. Há aqui a primeira conjunção “e”, ligando um sentimento do homem e sua ação. As frases, até a metade do parágrafo, mostram uma separação entre as ações da mulher, cujo objeto, foco, é o marido; e as ações do marido, cujo objeto, foco, é a si mesmo (“barbear-se”). Até o momento há uma sintagmatização dissociada entre marido e mulher. Com a sexta frase, há a segunda conjunção “e”, desta vez, unindo duas ações de marido e mulher na mesma frase, em que a ação do marido (grunhir) e ecoada pela ação da mulher (vociferar), numa quase repetição. A sétima e última frase do conto, a mais longa, em que o marido aparece na oração subordinada relativa cujo termo antecedente é “líquido frio”, mostra uma recusa de sentimento pela mulher: ela não quer que o amor se confunda, se associa com o café. Se amar para mulher é oferecer café, na primeira frase, na última, ela se recusa a acreditar nessa realidade.

Quanto à sintagmatização, observamos que a) na maioria das frases, os termos marido e mulher não aparecem unidos; b) os papéis não se invertem, isto é, são apresentados na mesma ordem, a mulher age a favor das ações do marido; c) as quatro primeiras frases apresentam marido e mulher não unidos pela conjunção “e” pela mesma ação; na penúltima ação eles são unidos pela ação de “grunhir ou vociferar”. Observamos ainda a seguinte progressão de sintagmatização: de frases curtas em que os termos marido e mulher estão separados à última frase em que eles estão unidos por uma negação de ação (“não quero meu esforço confundido”).

### **Trecho 2 – conflito do conto**

1. {Não é verdade que te amo, marido? perguntei-lhe enquanto lia os jornais, para instruir-se, e eu varria as letras de imprensa cuspidas no chão logo após ele assimilar a notícia}. 2. [Pedi, deixe-me progredir, mulher]. 3. [Como quer que eu fale de amor quando se discutem as alternativas econômicas de um país em que os homens para sustentarem as mulheres precisam desdobrar um trabalho de escravo]. 4. /Eu lhe disse então, [se não quer discutir o amor], que afinal bem pode estar longe

---

<sup>2</sup> Ainda que existam outras formas de composição do conto, acreditamos que as idéias de Propp sejam suficientes para esta análise.

daqui, ou atrás dos móveis para onde às vezes escondo a poeira depois de varrer a casa, que tal se após tantos anos eu mencionasse o futuro como se fosse uma sobremesa?/

5. [Ele deixou o jornal de lado, insistiu que eu repetisse.] 6. /Falei na palavra futuro com cautela, não queria feri-lo, mas já não mais desistia de uma aventura africana recém-iniciada naquele momento./ 7. /Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava meus caninos nas suas jugulares aquecidas, enquanto Clark Gable, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão, ia pedindo de joelhos o meu amor. / 8. /Sôfrega pelo esforço, eu sorvia água do rio, quem sabe em busca da febre que estava em minhas entranhas e eu não sabia como despertar/. 9. /A pele ardente, o delírio, e as palavras que manchavam os meus lábios pela primeira vez, eu ruborizada de prazer e pudor, enquanto o pajé salvava-me a vida com seu ritual e seus pêlos fartos no peito/. 10 /Com a saúde nos dedos, da minha boca parecia sair o sopro da vida e eu deixava então o Clark Gable amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas./

A primeira frase mostra uma pergunta da mulher. Os termos marido e mulher unidos pela conjunção “e”, pela primeira vez, mas fazendo ações de natureza distinta: ele, lendo; ela perguntando e varrendo. A segunda e a terceira frase mostram a negativa de resposta do marido, a disjunção entre eles. Ele diz ter que se preocupa com “o progresso”. A quarta frase mostra a insistência da mulher em fazer perguntas: ela substitui a palavra “amor” pela palavra “futuro”, ambas as palavras não combinando com a idéia de “progresso”. A quinta mostra o desconforto do marido em responder. As frases de números 7 a 10 parecem mostrar o pensamento da mulher e não o que ela disse. Nele, observamos o desejo da mulher de inverter a relação que tem com o marido<sup>3</sup>. Na frase 7, há a conjunção “e” unindo um elemento concreto – suor – e um elemento sentimental – ansiedade. Há ainda um ator famoso de joelhos, implorando por amor, situação que a mulher gostaria de vivenciar com o marido. Na frase 9, há em dois momentos, a conjunção entre elementos concretos e sentimentais – a pele ardente, o delírio e as palavras, situação que a mulher gostaria de viver com o marido; e entre elementos simbólicos e sensuais– seu ritual e seus pêlos fartos. Na frase 10, o desejo de inversão dos papéis de marido e mulher mostra-se, verdade, como uma rejeição: a mulher fica “viva” “e”- isto é, “porque” – deixava o homem sozinho.

Quanto à sintagmatização, observamos que: a) na maioria das frases, os termos marido e mulher aparecem unidos (frases 1, 7, 8, 9 e 10), ainda que essa união mostre ações diferentes ou ações de oposição; b) os papéis tentam ser invertido, isto é, a mulher toma a iniciativa de falar um tema estranho ao marido, mas ele não reage a favor; c) há apenas uma frase em que marido e mulher são unidos pela conjunção “e”: o marido lê a mulher varre, tarefas do plano real, cotidiano. A união entre eles no plano da fantasia ocorre apenas no pensamento da mulher. Observamos ainda a seguinte progressão de sintagmatização: da negação de ação por parte da mulher – trecho 1 – à inversão do rumo da ação da mulher: ela pretende *provocar* o marido com assuntos

---

<sup>3</sup> Segundo Lobo (2006, p.156, grifo nosso), em análise literária do conto *I love my husband*, a atitude da personagem feminina: “ (...) *inverte* o valor tradicional atribuído a essas imagens e vislumbra um Clark Gable rastejando por seu amor e finalmente condenado por mulher tão poderosa morrer a morte selvagem e sem grandeza. ”



diferentes daqueles que estão acostumados, isto é, modificar o sentido que ele atribui ao casamento. Tal tentativa é em vão.

### Trecho 3 - Processo de solução do conto

1. [O marido, com a palavra futuro a boiar-lhe nos olhos e o jornal caído no chão, pedia-me, o que significa este repúdio a um ninho de amor, segurança, tranqüilidade, enfim a nossa maravilhosa paz conjugal?] 2. /E acha você, marido, que a paz conjugal se deixa amarrar com os fios tecidos pelo anzol, só porque mencionei esta palavra que te entristece, tanto que você começa a chorar discreto, porque o teu orgulho não lhe permite o pranto convulso, este sim, reservado à minha condição de mulher?! 3. /Ah, marido, se tal palavra tem a descarga de te cegar, sacrifico-me outra vez para não vê-lo sofrer/. 4. Será que apagando o futuro agora ainda há tempo de salvar-te?! 5. /Recriminei meu egoísmo, ter assim perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte./ 6. /Para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café fresco e bolo de chocolate./ 7. [Ele aceitou que eu me redimisse.] 8.[Falou-me das despesas mensais].

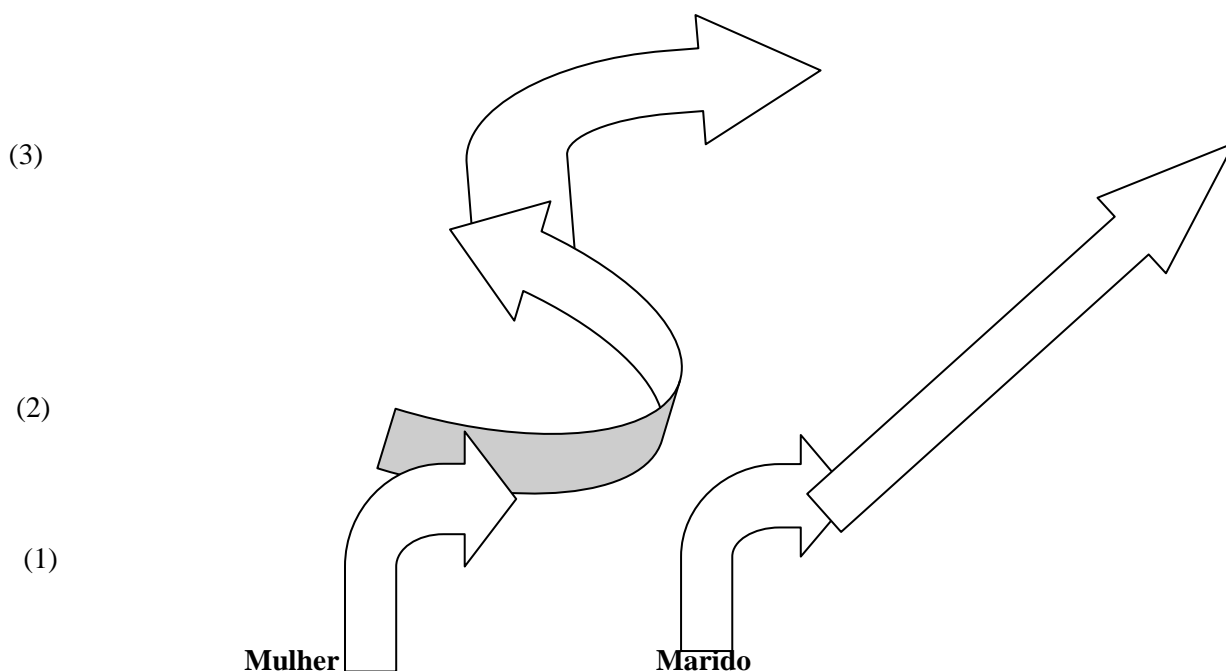
A primeira frase mostra a reação do marido à pergunta da mulher. Esta é uma reação de “repúdio”, ou seja, o marido se recusa a seguir a direção de raciocínio da mulher. Nesta primeira frase, há o uso da conjunção “e” unindo duas idéias diferentes, “palavra futuro boiando nos olhos” e “jornal caído no chão” mas convergindo para o mesmo efeito, isto é, espanto, não acolhimento da pergunta da mulher. A frase 2 mostra a resposta da mulher iniciada pela conjunção “e”, que aqui tem valor de “mas”, isto é, de oposição à resposta do marido. Não sabemos se as frases 2 a 4 são ditas ao marido ou não. De qualquer forma, no pensamento ou na atitude da mulher, há também, ainda que em sentido oposto, um “repúdio” ao raciocínio do marido, em especial na frase 2. Nas frases 3 a 5, a mulher toma a iniciativa de voltar à velha relação cotidiana, a fim de não fazer o marido sofrer. O “ah” do início da frase 3 mostra um certo cansaço e amargura diante da nova situação. As frases 6 a 8 mostram o “retorno” imediato ao tipo de relação do início do conto, isto é, assuntos concretos e cotidianos, com a mulher servindo café e o marido falando de despesas.

Quanto à sintagmatização, observamos que: a) em todas as frases, marido e mulher não estão unidos na mesma frase; b) os papéis não se invertem, isto é, são apresentados na mesma ordem, a mulher volta a agir a favor das ações do marido; c) não há nenhuma frase em que marido e mulher são unidos pela conjunção “e”. O que ocorre é justamente o contrário: a conjunção “e”, no início da frase 2 tem valor de “mas”, de oposição.

### 5.2 Operação de deciframento

Após a análise da sintagmatização de cada trecho do conto, devemos fazer uma análise da sintagmatização global, isto é, mostrar o movimento do sujeito no texto. Tal análise pode ser chamada de sintaxe transversal ou sintaxe d’emblée (para retomar um termo de Normand (1997), citado em Silva (2005)).

Creemos que essa sintaxe pode ser expressa por uma representação da ordem do *mostrar* (cf. Flores, 2006, supracitado). Retomando o sentido visual da palavra *sentido*, podemos fazer uma *representação vetorial da sintaxe transversal da enunciação*.



Os números (1), (2) e (3) equivalem aos três momentos do conto analisados. Observamos que, à situação inicial (1) de subserviência da mulher em relação ao marido, há uma tentativa de inversão em outro momento (2), tentativa esta que fracassa, e a mulher volta a servir o marido (3). Qual é então a sintagmatização do texto? Considerando que o locutor é um “eu” feminino, que diz “eu sou a mulher”, o efeito de sujeito, o sujeito da enunciação deste texto é de um ser que se sabe curvado às expectativas e ações de outra, um ser que diz em língua diferente da sua “I love my husband” (título do conto) e *cuja identidade foi transformada em função de outra pessoa*.

O próprio desenho da representação, da ordem do *mostrar*, a sintagmatização mostra que, para a mulher, sujeito da enunciação, mulher e marido – nesta ordem – são *duas paralelas que nunca se cruzam*.

## 6. Considerações finais

A partir da análise empreendida, concluímos que, se para Benveniste (1989, p. 234), a língua não diz, nem oculta, mas significa, o signo resultante da conjunção “e”, no texto em análise, é uma união não realizada entre *duas paralelas que nunca se cruzam*. Tal conclusão somente é possível se considerarmos que a língua é o resultado de operações de atualização de sentido por um sujeito.

Nossa representação vetorial é apenas uma entre muitas outras representações possíveis. Cremos que fazer uma representação visual do sentido da enunciação seja importante para determinar os efeitos de sentido que se marcam no enunciado.

### **7. Referências bibliográficas**

AUROUX, S. Linguagem e subjetividade. IN: *A filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 284 – 293, 1988.

BENVENISTE, E. A forma e o sentido na linguagem. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 220-242, 1989.

CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC-FENAME, 1975.

DUFOUR, D.R. Trindade e binariedade. In: *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, V. Entre o *dizer* e o *mostrar*: a transcrição como modalidade de enunciação. *Organon*, Porto Alegre, nº 40/41, jan-dez.2006, p. 61-75.

LICHTENBERG, S. *Sintaxe da enunciação*: noção mediadora para reconhecimento de uma lingüística da enunciação. 2006. Tese de doutoramento UFRGS. Porto Alegre.

LOBO, S. M. Nos labirintos da voz: vibrações e ressonâncias. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 152-160, 2º sem. 2006

NEVES, M<sup>a</sup> H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

SILVA, S. *Enunciação e sintaxe*: uma abordagem das preposições do português. 2005. (Dissertação) Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso. UFRGS. Porto Alegre.

### **8. Anexo**

#### **I love my husband, por Nélide Piñon**

Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com

raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado.

Depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta por consertar-lhe unicamente a parte menor de sua vida. Rio para que ele saia mais tranqüilo, capaz de enfrentar a vida lá fora e trazer de volta para a sala de visita um pão sempre quentinho e farto.

Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima reclamo da vida. Enquanto ele constrói o seu mundo com pequenos tijolos, e ainda que alguns destes muros venham ao chão, os amigos o cumprimentam pelo esforço de criar olarias de barro, todas sólidas e visíveis.

A mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes, senzalas e mocambos, e assim faz o país progredir. E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar. Deixo que o sol entre pela casa, para dourar os objetos comprados com esforço comum. Embora ele não me cumprimente pelos objetos fluorescentes. Ao contrário, através da certeza do meu amor, proclama que não faço outra coisa senão consumir o dinheiro que ele arrecada no verão. Eu peço então que compreenda minha nostalgia por uma terra antigamente trabalhada pela mulher, ele franze o rosto como se eu lhe estivesse propondo uma teoria que envergonha a família e a escritura definitiva do nosso apartamento.

O que mais quer, mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens? E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum.

Comecei a ambicionar que maravilha não seria viver apenas no passado, antes que este tempo pretérito nos tenha sido ditado pelo homem que dizemos amar. Ele aplaudiu o meu projeto. Dentro de casa, no forno que era o lar, seria fácil alimentar o passado com ervas e mingau de aveia, para que ele, tranqüilo, grisse o futuro. Decididamente, não podia ele preocupar-se com a matriz do meu ventre, que devia pertencer-lhe de modo a não precisar cheirar o meu sexo para descobrir quem mais, além dele, ali estivera, batera-lhe à porta, arranhara suas paredes com inscrições e datas.

Filho meu tem que ser só meu, confessou aos amigos no sábado do mês que recebíamos. E mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela. A idéia de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa. Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pêlo felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal?

Olhei meus dedos revoltada com as unhas longas pintadas de roxo. Unhas de tigre que reforçavam a minha identidade, grunhiam quanto à verdade do meu sexo. Alisei meu corpo, pensei, acaso sou mulher unicamente pelas garras longas e por revesti-las de ouro, prata, o ímpeto do sangue de um animal abatido no bosque? Ou porque o homem adorna-me de modo a que quando tire estas tintas de guerreira do rosto surpreende-se com uma face que lhe é estranha, que ele cobriu de mistério para não me ter inteira?

De repente, o espelho pareceu-me o símbolo de uma derrota que o homem trazia para casa e tornava-me bonita. Não é verdade que te amo, marido? perguntei-lhe enquanto lia os jornais, para instruir-se, e eu varria as letras de imprensa cuspidas no chão logo após ele assimilar a notícia. Pediu, deixe-me progredir, mulher. Como quer que eu fale de amor quando se discutem as alternativas econômicas de um país em que os homens para sustentarem as mulheres precisam desdobrar um trabalho de escravo.

Eu lhe disse então, se não quer discutir o amor, que afinal bem pode estar longe daqui, ou atrás dos móveis para onde às vezes escondo a poeira depois de varrer a casa, que tal se após tantos anos eu mencionasse o futuro como se fosse uma sobremesa?

Ele deixou o jornal de lado, insistiu que eu repetisse. Falei na palavra futuro com cautela, não queria feri-lo, mas já não mais desistia de uma aventura africana recém-iniciada naquele momento. Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava meus caninos nas suas jugulares aquecidas, enquanto Clark Gable, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão, ia pedindo de

joelhos o meu amor. Sôfrega pelo esforço, eu sorvia água do rio, quem sabe em busca da febre que estava em minhas entranhas e eu não sabia como despertar. A pele ardente, o delírio, e as palavras que manchavam os meus lábios pela primeira vez, eu ruborizada de prazer e pudor, enquanto o pajé salvava-me a vida com seu ritual e seus pêlos fartos no peito. Com a saúde nos dedos, da minha boca parecia sair o sopro da vida e eu deixava então o Clark Gable amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas. Imitando a Nayoka, eu descia o rio que quase me assaltara as forças, evitando as quedas d'água, aos gritos proclamando liberdade, a mais antiga e miríade das heranças.

O marido, com a palavra futuro a boiar-lhe nos olhos e o jornal caído no chão, pedia-me, o que significa este repúdio a um ninho de amor, segurança, tranqüilidade, enfim a nossa maravilhosa paz conjugal? E acha você, marido, que a paz conjugal se deixa amarrar com os fios tecidos pelo anzol, só porque mencionei esta palavra que te entristece, tanto que você começa a chorar discreto, porque o teu orgulho não lhe permite o pranto convulso, este sim, reservado à minha condição de mulher? Ah, marido, se tal palavra tem a descarga de te cegar, sacrifico-me outra vez para não vê-lo sofrer. Será que apagando o futuro agora ainda há tempo de salvar-te?

Suas crateras brilhantes sorveram depressa as lágrimas, tragou a fumaça do cigarro com volúpia e retomou a leitura. Dificilmente se encontraria homem como ele no nosso edifício de dezoito andares e três portarias. Nas reuniões de condomínio, a que estive presente, era ele o único a superar os obstáculos e perdoar aos que o haviam magoado. Recriminei meu egoísmo, ter assim perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte.

Para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café fresco e bolo de chocolate. Ele aceitou que eu me redimisse. Falou-me das despesas mensais. Do balanço da firma ligeiramente descompensado, havia que cuidar dos gastos. Se contasse com a minha colaboração, dispensaria o sócio em menos de um ano. Senti-me feliz em participar de um ato que nos faria progredir em doze meses. Sem o meu empenho, jamais ele teria sonhado tão alto. Encarregava-me eu à distância da sua capacidade de sonhar. Cada sonho do meu marido era mantido por mim. E, por tal direito, eu pagava a vida com cheque que não se poderia contabilizar.

Ele não precisava agradecer. De tal modo atingira a perfeição dos sentimentos, que lhe bastava continuar em minha companhia para querer significar que me amava, eu era o mais delicado fruto da terra, uma árvore no centro do terreno de nossa sala, ele subia na árvore, ganhava-lhe os frutos, acariciava a casca, podando seus excessos.

Durante uma semana bati-lhe à porta do banheiro com apenas um toque matutino. Disposta a fazer-lhe novo café, se o primeiro esfriasse, se esquecido ficasse a olhar-se no espelho com a mesma vaidade que me foi instilada desde a infância, logo que se confirmou no nascimento tratar-se de mais uma mulher. Ser mulher é perder-se no tempo, foi a regra de minha mãe. Queria dizer, quem mais vence o tempo que a condição feminina? O pai a aplaudia completando, o tempo não é o envelhecimento da mulher, mas sim o seu mistério jamais revelado ao mundo.

Já viu, filha, que coisa mais bonita, uma vida nunca revelada, que ninguém colheu senão o marido, o pai dos seus filhos? Os ensinamentos paternos sempre foram graves, ele dava brilho de prata à palavra envelhecimento. Vinha-me a certeza de que ao não se cumprir a história da mulher, não lhe sendo permitida a sua própria biografia, era-lhe assegurada em troca a juventude.

Só envelhece quem vive, disse o pai no dia do meu casamento. E porque viverás a vida do teu marido, nós te garantimos, através deste ato, que serás jovem para sempre. Eu não sabia como contornar o júbilo que me envolvia com o peso de um escudo, e ir ao seu coração, surpreender-lhe a limpidez. Ou agradecer-lhe um estado que eu não ambicionara antes, por distração talvez. E todo este troféu logo na noite em que ia converter-me em mulher. Pois até então sussurravam-me que eu era uma bela expectativa. Diferente do irmão que já na pia batismal cravaram-lhe o glorioso estigma de homem, antes de ter dormido com mulher.

Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem. Antes dele a mãe insinuou que o nosso sexo mais parecia uma ostra nutrida de água salgada, e por isso

vago e escorregadio, longe da realidade cativa da terra. A mãe gostava de poesia, suas imagens sempre frescas e quentes.

Meu coração ardia na noite do casamento. Eu ansiava pelo corpo novo que me haviam prometido, abandonar a casca que me revestira no cotidiano acomodado. As mãos do marido me modelariam até os meus últimos dias e como agradecer-lhe tal generosidade? Por isso talvez sejamos tão felizes como podem ser duas criaturas em que uma delas é a única a transportar para o lar alimento, esperança, a fé, a história de uma família.

Ele é único a trazer-me a vida, ainda que às vezes eu a viva com uma semana de atraso. O que não faz diferença. Levo até vantagens, porque ele sempre a trouxe traduzida. Não preciso interpretar os fatos, incorrer em erros, apelar para as palavras inquietantes que terminam por amordaçar a liberdade. As palavras do homem são aquelas de que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento.

Assim fui aprendendo que a minha consciência que está a serviço da minha felicidade ao mesmo tempo está a serviço do meu marido. É seu encargo podar meus excessos, a natureza dotou-me com o desejo de naufragar às vezes, ir ao fundo do mar em busca das esponjas. E para que me serviram elas senão para absorver meus sonhos, multiplicá-los no silêncio borbulhante dos seus labirintos cheios de água do mar? Quero um sonho que se alcance com a luva forte e que se transforme algumas vezes numa torta de chocolate, para ele comer com os olhos brilhantes, e sorrirmos juntos.

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu, mergulho numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua um corpo que sugasse a vida sem medo e pudor. E tudo me treme dentro, olho os que passam com um apetite de que não me envergonharei mais tarde. Felizmente, é uma sensação fugaz, logo busco o socorro das calçadas familiares, nelas a minha vida está estampada. As vitrines, os objetos, os seres amigos, tudo enfim orgulho da minha casa.

Estes meus atos de pássaro são bem indignos, feririam a honra do meu marido. Contrita, peço-lhe desculpas em pensamento, prometo-lhe esquivar-me de tais tentações. Ele parece perdoar-me à distância, aplaude minha submissão ao cotidiano feliz, que nos obriga a prosperar a cada ano. Confesso que esta ânsia me envergonha, não sei como abrandá-la. Não a menciono senão para mim mesma. Nem os votos conjugais impedem que em escassos minutos eu naufrague no sonho. Estes votos que ruborizam o corpo mas não marcaram minha vida de modo a que eu possa indicar as rugas que me vieram através do seu arrebatado.

Nunca mencionei ao marido estes galopes perigosos e breves. Ele não suportaria o peso dessa confissão. Ou que lhe dissesse que nessas tardes penso em trabalhar fora, pagar as miudezas com meu próprio dinheiro. Claro que estes desatinos me colhem justamente pelo tempo que me sobra. Sou uma princesa da casa, ele me disse algumas vezes e com razão. Nada pois deve afastar-me da felicidade em que estou para sempre mergulhada.

Não posso reclamar. Todos os dias o marido contraria a versão do espelho. Olho-me ali e ele exige que eu me enxergue errado. Não sou em verdade as sombras, as rugas com que me vejo. Como o pai, também ele responde pela minha eterna juventude. É gentil de sentimentos. Jamais comemorou ruidosamente meu aniversário, para eu esquecer de contabilizar os anos. Ele pensa que não percebo. Mas, a verdade é que no fim do dia já não sei quantos anos tenho.

E também evita falar do meu corpo, que se alargou com os anos, já não visto os modelos de antes. Tenho os vestidos guardados no armário, para serem discretamente apreciados. Às sete da noite, todos os dias, ele abre a porta sabendo que do outro lado estou à sua espera. E quando a televisão exhibe uns corpos em floração, mergulha a cara no jornal, no mundo só nós existimos.

Sou grata pelo esforço que faz em amar-me. Empenho-me em agradá-lo, ainda que sem vontade às vezes, ou me perturbe algum rosto estranho, que não é o dele, de um desconhecido sim, cuja imagem nunca mais quero rever. Sinto então a boca seca, seca por um cotidiano que confirma o gosto do pão comido às vésperas, e que me alimentará amanhã também. Um pão que ele e eu comemos há tantos anos sem



reclamar, ungidos pelo amor, atados pela cerimônia de um casamento que nos declarou marido e mulher. Ah, sim, eu amo meu marido.